

7.07.05 - Psicologia / Psicologia Social

BIOPOLÍTICAS DA VIDA URBANA: A PRODUÇÃO DE OBJETIVIDADES E SUBJETIVIDADES SOBRE A VILA DOS PESCADORES DO JARAGUÁ

Daisy E.A.S.Silva¹, Barbara de M. Lima¹, Felipe S.L.L. de Melo¹, Alison S. da Rocha¹, Simone M. Hüning²

1. Estudantes de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

2. Professora Doutora no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Resumo

Este trabalho tem como proposta discutir objetividades e subjetividades produzidas pelos discursos da mídia jornalística sobre a Vila de pescadores do Jaraguá e seus habitantes entre os anos de 1980-2016. Assim, debatemos alguns elementos observados nas principais mídias de circulação da época em que se deu os processos de visibilidade e posterior expulsão da tradicional Vila de Pescadores em Junho/2015, em Maceió, Alagoas. Como procedimento metodológico problematizamos os discursos veiculados nessas mídias sobre o bairro e seus moradores utilizando como referencial teórico estudos foucaultianos que nos dão subsídio para pensar como se constroem os problemas sociais, as produções de conhecimento e os regimes de verdades. A discussão foi estruturada a partir de 3 grupos temáticos: 1) Do processo de turistificação no Jaraguá e as implicações na Vila dos Pescadores; 2) Da invisibilidade ao antagonismo: como os discursos sobre a Vila do Jaraguá são construídos; e 3) Da resistência da Vila dos Pescadores do Jaraguá.

Palavras-chave: Processos de urbanização. Violências. Resistência comunitária.

Apoio financeiro: CNPQ

Trabalho selecionado para a JNIC: Instituto de Psicologia (IP) - UFAL

Introdução

Os processos de organização urbana constituem tecnologias sociais que falam das subjetivações que construímos nas relações com os espaços que habitamos e circulamos. As diversas formas de produção e regulação da vida dos sujeitos e a relação que este produz com a comunidade e os espaços sociais são processos simultâneos e integrados, ou seja, a construção das subjetividades está relacionada também à produção dos seus territórios e tem efeitos práticos na vida das pessoas. Assim, quando o Estado realiza escolhas sobre onde e como realizar investimentos, como usar determinados espaços ou quem pode ocupar e circular por esses espaços gera uma série de efeitos sociais que afetam a vida de pessoas. Problematizar essas escolhas e afetações nos ajuda a entender como se constituem alguns discursos que circulam como verdades no cotidiano da cidade, e a refletir sobre a sociedade que estamos construindo.

Delimitamos o bairro do Jaraguá, centro histórico da cidade de Maceió, Alagoas, como objeto de pesquisa a partir de um processo de disputas territoriais que resultou na expulsão em 2015 de uma comunidade tradicional de Pescadores que habitou o bairro por mais de 95 anos. Desde os anos 80 o território é alvo de investimentos imobiliários e projetos de turistificação que reconfiguram as atividades aí desenvolvidas, bem como as possibilidades e modos de vida e circulação nesse espaço.

Assim, tomamos os jornais locais como “importante material para a problematização dos modos de produção e gestão da vida, pois materializam práticas/discursos que circulam ou passam a circular no cotidiano como verdades, produzindo simultaneamente sujeitos e modos de governo” (SILVA, 2013). Nossa análise faz um recorte local, no qual buscou notícias relacionadas ao bairro do Jaraguá e um recorte temporal, situando a discussão entre 1980 e 2016. O objetivo geral foi analisar a constituição simultânea dos espaços urbanos, dos modos de subjetivação, de violências e exclusões sociais e territoriais. Os objetivos específicos foram: problematizar os discursos sobre a vila de Pescadores do Jaraguá e seus moradores; e, identificar e discutir objetividades e subjetividades produzidas pelos discursos da mídia jornalística sobre a Vila de Pescadores do Jaraguá e seus habitantes.

Metodologia

Este trabalho buscou em matérias, artigos, reportagens, editoriais e materiais publicitários publicados em jornais impressos e mídia digital, que falavam sobre o Bairro do Jaraguá ou especificamente a Vila de Pescadores (ou Favela do Jaraguá), entre 1980 e 2016. O acervo foi obtido em consultas as 3 edições semanais nos jornais de maior circulação no Estado em cada época que fizeram referência ao Bairro do Jaraguá, consultados em bibliotecas públicas, no Arquivo Público Municipal, nas agências de notícias da capital e em mídias digitais. As publicações foram catalogadas em uma lista de materiais, com a especificação da fonte, data de publicação. Incluímos também, em consonância com os objetivos específicos outros materiais que abordam diretamente a Vila de Pescadores do Jaraguá, atentando-se especialmente para os modos como se produz uma objetividade e engendram-se subjetividades em torno da Comunidade e seus moradores.

Entendemos as diferentes mídias como bases de ‘registros históricos’ que instituem e difundem determinadas verdades para a população, que a partir desses registros produzem realidades, conflitos, objetividades e subjetividades sobre os mesmos. Assim, estruturamos a discussão a partir de três grupos temáticos que surgiram a partir dos assuntos mais relevantes na pesquisa, quais sejam: 1) Do processo de turistificação no Jaraguá e as implicações na Vila dos Pescadores; 2) Da invisibilidade ao antagonismo: como

os discursos sobre a Vila do Jaraguá são construídos; e 3) Da resistência da Vila dos Pescadores do Jaraguá. No primeiro ponto fazemos uma breve discussão do processo de turistificação como aposta econômica pelo qual a cidade de Maceió foi submetida e as implicações desse processo na Vila de Pescadores do Jaraguá. No segundo momento discutimos a transição de invisibilidade da comunidade ao antagonismo pelo qual os moradores da Vila de Pescadores do Jaraguá foram submetidos ao longo dos anos (1980-2016) com a valorização da área e a especulação imobiliária na região, bem como os discursos que permearam esses processos, desqualificando esses moradores. Por fim, abordamos os mecanismos de resistência e fortalecimento pelos quais os moradores da Vila do Jaraguá se reafirmaram enquanto comunidade tradicional de pesca artesanal e potência comunitária.

O referencial teórico metodológico utilizado para análise de material e construção teórica desse trabalho parte de uma perspectiva da Psicologia Social que busca nos estudos realizados por Foucault subsídio para pensar como algo passa a ser considerado um problema social e como se dão as produções de conhecimento e regimes de verdades, problematizando o campo discursivo e as práticas que incidem sobre o bairro do Jaraguá entre 1980 e 2016.

Resultados e Discussão

1 - Do processo de turistificação no Jaraguá e as implicações na Vila de Pescadores

Em meio à instabilidade econômica que se intensificou no Brasil em meados da década de 80 ainda sobre o Regime Ditatorial, observamos nos jornais várias matérias relacionadas à criação de mecanismos que possibilitassem reabilitar a economia, a principal delas foi o turismo. Os espaços turísticos passam a ser considerados objetos no mercado, no qual se atribuem novos valores, novos sistemas de gestão que subvertem os estilos de vida preexistentes em prol do consumismo (BRANDÃO, 2013). Muito se falou na criação de um 'Novo Nordeste' e nos investimentos da iniciativa privada nas principais capitais do país. Diante da aposta no turismo, os territórios das cidades 'com vocação turística' passaram a ser modificados, transformando espaços considerados privilegiados com infraestrutura e ferramentas que favorecessem a circulação, a permanência de turistas e a oferta de espetáculos turísticos, e fortalecessem o capital (iniciativa privada) em detrimento de investimentos na qualidade de vida da população. A cidade de Maceió sempre foi considerada um grande potencial turístico no País. Sua localização central na costa litorânea do Nordeste, as belezas naturais, além da importância histórica, econômica e social, são elementos que contribuem para a idealização do desenvolvimento progressista e o estímulo econômico no desenvolvimento turístico na região.

No bairro do Jaraguá, o processo de segregação e expulsão da Vila de Pescadores se deu de modo lento, muito pela resistência e enfrentamentos da comunidade aos mais diversos investimentos contra ela. Sobre o Jaraguá, considerado o berço histórico da cidade de Maceió, encontramos muitas notícias jornalísticas desde a década de 80 que faziam referência a investimentos em setores privados como hotéis, restaurantes, festas privadas, e uma das principais apostas turísticas da época: um Projeto milionário intitulado 'Marina Maceió', que visava a implantação de uma Marina no Jaraguá como atrativo turístico, e, já indicava o descaso com a Vila dos Pescadores do Jaraguá e os seus moradores.

Em entrevista ao Jornal de Alagoas, em Janeiro de 1989, a arquiteta do Projeto Vanusa Christiani, afirma que embora definida como patrimônio público, a administração da Marina seria privada, que não haveria descaracterização da historicidade do bairro e que o projeto valorizaria o Jaraguá. Quando perguntada sobre os benefícios que traria para a 'Colônia de Pescadores' a mesma responde que haveria "a instalação de um terminal onde os pescadores poderão abastecer seus barcos de óleo diesel e gelo e desembarcar o seu pescado", não havendo em nenhum momento nas reportagens encontradas da época a participação ativa da 'Colônia de pescadores' no processo de discussão do projeto. Desde o início da discussão desse projeto, que até o momento não foi efetivado, houveram muitos investimentos para segregar e expulsar a Vila dos Pescadores do Jaraguá e os seus moradores da região. Discursos de desqualificação e marginalização dos pescadores, do seus modos de vida e do seu trabalho passaram a circular através das mídias como parte desse processo violento que resultou na expulsão da Vila em 2015.

2 - Da invisibilidade ao antagonismo: como os discursos sobre a Vila do Jaraguá são construídos

Os modos de gestão das cidades produzem visibilidades e invisibilidades. O que se quer visível está relacionado ao molde de progresso, a ênfase em belezas, riquezas, e tudo que a produção capitalista pode tornar consumível, inclusive, a sensação de segurança. E, as invisibilidades estão associadas ao que é ruim, feio, sujo, pobre, marginal, inseguro. Essas configurações produzem formas objetivas e subjetivas das pessoas habitarem e se relacionarem com o território, produzem modos de vidas e sujeitos desiguais.

Durante a década de 1980, algumas matérias noticiaram obras públicas e empreendimentos visando a modernização do bairro do Jaraguá, em contrapartida nesse mesmo período, os pescadores da Vila, como falta de infraestrutura e saneamento básico, falta de gestão, de saúde e de segurança. Na década de 1990, apesar de haver matérias relacionadas a projetos de revitalização do bairro do Jaraguá (sendo um dos principais intuítos desse projeto beneficiar o setor turístico), os problemas denunciados pelos pescadores desde o início da década de 80 continuaram aparecendo nos jornais, e, apesar de inicialmente o projeto de revitalização apresentado no início da década de 90 incluir a comunidade pesqueira como beneficiários desse projeto prevendo a criação de uma Vila de Pescadores (que já existia), em 1998 algumas matérias discutem a remoção dos pescadores do território que habitavam. E aí, se inicia também um processo de visibilidade perversa, na qual a comunidade começa a ser visível para a gestão pública, mas como antagonistas na sociedade, daí porque passam a circular discursos de desqualificação e marginalização daquela comunidade,

associando seus moradores à violência e a criminalidade. Vale destacar que embora tenha havido investimentos em outras áreas do bairro como desenvolvimento de redes hoteleiras, restaurantes, e grandes eventos em clubes privados, as denúncias e reivindicações pela presença da gestão por parte da Vila de Pescadores foram ignoradas e agravados problemas estruturais enfrentados pela comunidade ao longo dos anos. Isso diz muito sobre esse processo de invisibilidade da Vila dos Pescadores.

Essa visão, descrita também por Scisleski e Hüning, sintetizam, com bastante propriedade, o significado desses jogos de visibilidade e invisibilidade:

Essas divisões de territórios e categorias de seres que os habitam, remetem à dinâmica pela qual os jogos de luz e sombra projetam espaços e vidas tidas como perigosas e marginais que são colocadas na luminosidade quase que exclusivamente a partir da vinculação com o crime, suposta ou real, mas que permanecem invisíveis quando se procura associá-las a outras formas de vida. Forjam-se, assim, os habitantes da escuridão, sujeitos não-humanos que ameaçam a humanidade daqueles que produzem e habitam as luzes(...). Invisíveis em sua potência, mas incômodos em sua presença que se tenta apagar, uma presença que é fantasma e ameaça (SCISLESKI; HÜNING, 2016)

A partir das matérias podemos pensar a construção do processo de favelização e a desqualificação desses sujeitos, e, o porquê dessas produções só faz sentido quando pensamos a quem interessa desqualificar essas vidas. Daí, a necessidade de se observar o entorno, os espaços, a gestão, a economia, os modos de circulação, e recontar histórias a partir de outros olhares que não dos vencedores. Nesse sentido, Benjamin nos sugere que a verdade como produção social - a narrativas da história 'oficial' da humanidade - sempre é contada por aqueles que detêm o poder político, os vencedores. E é a história 'oficial' que determina o que é verdade de acordo com o poder que lhe é conferida (LOWY, 2002).

Assim, destacamos que os discursos relacionando violência à região da Vila de Pescadores, estiveram presentes em toda a pesquisa, no entanto se intensificaram a partir dos anos 2000. A violência foi acionada pelo poder público em 2015 para justificar a remoção dos pescadores, ao mesmo tempo em que denunciada pela comunidade como resultado da negligência do Estado desde 1980. Vale destacar que, no início da pesquisa, quando surgem elementos que relacionavam violência a Vila de Pescadores e seus moradores, a comunidade está no polo passivo dessas violências, à margem da gestão pública, sem segurança e sem infraestrutura num território de disputas. Somente quando se iniciam as especulações em torno da Revitalização do Jaraguá, a vila de Pescadores passa a ser nomeada de Favela e seus moradores são desqualificados na maioria das matérias que direta ou indiretamente apoiam esses projetos de revitalização e a expulsão da comunidade da região.

3 - Da resistência da Vila dos Pescadores do Jaraguá

Uma das características mais importantes apresentadas pela Vila de Pescadores, ao longo desse recorte temporal, foi sem dúvida o poder de resistência e de reivindicação. Embora ignorados e invisibilizados pela gestão pública durante um longo período, foi possível perceber que a comunidade não foi passiva ao longo desse processo que culminou em sua expulsão em 2015. Ao contrário, reivindicaram, resistiram, denunciaram nos jornais, ante a necessidade de sobrevivência e permanência em seu território.

A primeira manifestação de resistência da Vila de Pescadores, aparece em Agosto de 1981, na matéria "Pescadores do Jaraguá lutam por suas casas", a qual relata a "invasão" (sic) da câmara pelos pescadores que estavam ameaçados de terem suas casas demolidas. Essa ameaça de demolição, esta relacionada com as denúncias de falta de gestão, coleta de lixo, aumento de proliferação de doenças e falta de saneamento (problemas apontados pelos moradores da Vila em anos anteriores), e, que estariam ameaçando a saúde da população. Embora as matérias da época (início da década de 1980), já discutissem as propostas para o progresso econômico do Jaraguá, observamos que a gestão pública estava relacionada aos interesses econômicos daquele espaço. A gestão pública aparece omissa quando se discute a gestão da vida das pessoas que habitavam o bairro, seja da limpeza, saneamento ou segurança. Nesse primeiro movimento de resistência dos pescadores encontrado nas publicações em defesa de suas habitações e de seu ofício, o conjunto de informações acerca do bairro, demonstra que já havia um aumento da especulação imobiliária em toda a região litorânea da cidade.

Outras manifestações de resistências foram encontradas nas matérias publicadas na década de 1990, sobretudo a partir de 1998, quando já se observa os investimentos da Prefeitura na remoção total da Vila de Pescadores. Para tanto, a estratégia utilizada à época era a de ameaças de despejos ('sem direito a nada') para os residentes contrários a transferência da Vila ou que não aceitaram a proposta de remoção para uma moradia provisória ou no Tabuleiro (bairro muito distante do mar). As manifestações de resistência se intensificaram a partir dos anos 2000, quando também se intensificaram as ameaças e as dificuldades para a permanência da Vila dos Pescadores, ante a especulações de projetos de remoção. Quando as políticas de revitalização do Jaraguá se tornaram totalmente excludentes e passaram a discutir quais as medidas que efetivariam a remoção da Comunidade pesqueira. Nas palavras de Parmênides Justino Pereira (p.16-17):

Consideramos aqui que a história dessa resistência se configura como emblemática da condição segregacionista da política urbana praticada em Maceió, uma vez que nela se percebem com clareza os traços do autoritarismo que o Poder Público pode impor por meio do controle urbano, bem como a ambiguidade dos critérios técnicos que justificam a remoção, que se fundamenta apenas pelo estigma e pela discriminação (uma forte campanha de difamação da comunidade) (PEREIRA, 2015).

Em 2014, a resistência na Vila dos Pescadores ganha um novo fôlego com o Movimento “Abraça a Vila”, na qual várias entidades e categorias civis apoiaram a permanência dos moradores na Vila. Esse movimento teve uma importante colaboração para a retirada do isolamento político e reconstituição da imagem da Vila, que durante anos sofreu com as campanhas difamatórias do governo. A força da comunidade, a autoafirmação identitária como pescadores, foram fundamentais no processo de resistência e permanência na Vila até meados de 2015 quando, após um processo judicial, a Vila dos Pescadores foi removida sem nenhum planejamento governamental, empurrando muitas famílias para as ruas da cidade, e, novamente, lançadas a completa invisibilidade. Vale destacar que até o momento, 3 anos após a expulsão violenta da Comunidade de Pescadores do Jaraguá não há projetos em andamento no local. Todo o processo de resistência da Vila de Pescadores, comunica também a marginalização da pobreza e o incômodo produzido por ela na cidade, fala da segregação de uma comunidade simples por ocupar lugares privilegiados, diz dos modos de gestão de um modelo político que reforça as diferenças, que aumenta as disparidades e continua privilegiando classes abastadas deixando entregue à própria sorte as pessoas que por ‘azar’ não nasceram com privilégios.

Conclusões

A ocupação dos espaços públicos e a promoção de obras públicas por toda a cidade no intuito de modernizar e urbanizar, pode se constituir como ferramenta de aumento e afirmação das desigualdades sociais. Nesse sentido, os modos de governar e habitar a cidade relacionam-se a demandas geradas na distribuição e organização dos espaços. O aumento do crescimento populacional e as obras realizadas “redirecionam gradativamente os usos dos espaços urbanos e criam novos arranjos de exclusão geográfica, novas relações com os espaços e conosco mesmo” (REIS; DE LARA; GUARESCHI, 2015). Sobre isso, Rolnik (1999) afirma que “mais do que expressar diferenças econômicas e sociais, os contrastes têm implicações nos modos como a cidade funciona”, vez que a dinâmica que implica na segregação social, marginalizando determinados grupos, sempre trará um urbanismo incompleto e de risco. Assim, observamos que as várias alterações políticas e econômicas construídas sobre esses espaços, servem a um modelo econômico e social normativos e excludentes, e, nesse contexto se criam e legitimam discursos que permitem ou não a ocupação de determinados espaços físicos da cidade e se legitima o emprego de violências sobre determinados grupos.

Os discursos veiculados em jornais de grande circulação são um importante instrumento para se pensar os modos de produção de verdade em nossa sociedade, e as matérias encontradas nos fazem questionar os processos de modernização e progresso da cidade que, por vezes aumentam as desigualdades e impedem que os espaços sejam partilhados por todos, elegendo grupos específicos que podem transitar e usufruir de determinados espaços ditos privilegiados. E, a problematização aqui realizada aponta para uma história contada através de discursos que foram construídos sobre o bairro do Jaraguá e que afetam a sua população, em especial, a Vila dos pescadores anteriormente situada no bairro, que foi removida violentamente em meados de 2015, tendo como um dos principais argumentos a revitalização do espaço urbano localizado numa área privilegiada na cidade e os investimentos no turismo.

Ao tempo em que reconhecemos a importância de narrar as violências e injustiças realizadas contra a Vila dos Pescadores do Jaraguá, valorizamos também a potência em formas de resistências e denúncias da comunidade. É justamente essas resistências que nos aproximam da problematização aqui exposta, é no contraponto que vemos a produção da marginalização, o alargamento das desigualdades. Esses ruídos do incômodo produzem esse mal-estar em testemunhar essas seletividades, de repensar nossos privilégios e a que custas eles são mantidos. Aqui também há a tentativa de imprimir algumas dessas memórias, acreditando que se não pudemos mudar essa história, ao menos não tenhamos a capacidade de repeti-la.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Territórios do turismo, territórios de todos? Um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do Nordeste do Brasil**. Recife, PE: 2013.
- PEREIRA, Parmênides Justino. **Educação popular e consciência política na luta pelo espaço urbano em Maceió : a resistência da vila de pescadores de Jaraguá**. Campinas, SP: 2015.
- REIS, Carolina; LARA, Lutiane; GUARESCHI, Neuza. **Direito à cidade e produção de modos comuns de habitar**. In: LEMOS, Flávia; GALINDO, Dolores; BENGIO, Fernanda; FRANCO, Ana Carolina; SOUZA, Giane; SILVA, Daiane (Org.). *Psicologia social, direitos humanos e história: transversalizando acontecimentos do presente*. Curitiba: CRV, p. 47-61, 2015.
- ROLNIK, Raquel. **Exclusão territorial e violência**. São Paulo Perspectiva. São Paulo, v.13, n.4, 1999.
- SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho; HUNING, Simone Maria. **Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis**. Rev. Polis Psique, Porto Alegre, v. 6, p. 8-27, jan. 2016.
- SILVA, Wanderson. **Entre ruas que subjetivam, registros do governo da vida e da morte na cidade**, 2013.
- LOWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin**. Estudos avançados. São Paulo, v. 16, n 45, p. 199-206. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 de Agosto de 2018.
- Mar: a riqueza dos pescadores. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 08 de Março de 1980, n° 56, ano LXXI.
- Pescadores do Jaraguá lutam por suas casas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 18 de Agosto de 1981, n°144, ano XLVII.
- Arquiteta Vanuza Christiani acredita no Projeto Marina. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 22 de Janeiro de 1989, n°19, ano80.